



MEMÓRIA E INFORMAÇÃO: CONSTRUINDO O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE CONHECIMENTOS

Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei, Evelyn Goyannes Dill Orrico

Resumo

A aproximação entre os campos da memória e da informação se consolida a partir do século XX e a percepção de uma crescente produção acadêmica dessa aproximação, bem como de sua diversificada distribuição institucional, provocou a reflexão ora apresentada, fruto da análise dos 35 trabalhos apresentados no GT criado na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e áreas afins - a ANCIB (2010). Esta análise procurou depreender a constituição de um novo campo de conhecimentos. O trabalho metodológico, inicialmente quantitativo, constituiu-se dos seguintes passos: primeiramente, foi realizado o levantamento de meta-informações sobre os autores; em seguida, a elaboração de planilha relativa às referências teóricas utilizadas em cada um dos artigos analisados; e, por fim, o levantamento dos conceitos utilizados para indexar o texto. O resultado dessa abordagem inicial apontou para a perspectiva de consolidação institucional desse novo campo no Brasil, haja vista sua presença em diversas universidades de distintos estados brasileiros, bem como para a constatação de um forte aporte teórico de campos do conhecimento mais tradicionais como a História e a Sociologia, mas também de autores oriundos da área da Ciência da Informação. A continuidade desta reflexão, pautada na Análise do Discurso de vertente francesa, procurou perceber como os autores desse campo apresentam discursivamente os resultados de suas análises. O resultado aponta para a construção consolidada de um novo campo de conhecimento, mas a forma de construção discursiva das conclusões dos artigos não privilegiou especificamente uma metodologia própria de nenhuma dessas áreas.

Palavras-chave: Memória e informação; Teoria do conhecimento; Cultura contemporânea; Análise do discurso; Análise de conteúdo; Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e áreas afins - ANCIB

Memory and information: building a theoretical and methodological field of knowledge

Abstract The approach between the fields of memory and information is consolidated from the twentieth century and the perception of increasing production in this academic area, as well as its diverse institutional distribution, made possible the reflection now presented as a result of the analysis of 35 papers presented at GT created at the National Association for Research and Graduate Studies



in Information Science and related areas - the ANCIB (2010). The main objective of this analysis was to identify a new field of knowledge. The methodological work, initially quantitative, was represented by the following steps: first, a survey of meta-information about the authors, then the construction of a bibliographic citations map from the articles analyzed, and finally, the survey of the concepts used to index the text. The initial results of this approach pointed out the perspective of an institutional consolidation of this new field in Brazil, given its presence in several universities from different Brazilian states, as well as the findings of a strong theoretical support of the most traditional knowledge fields such as History and Sociology, but also authors from Information Science. The continuity of this reflection, based on the French studies of Discourse Analysis, tried to understand how the authors present the conclusions of their researches. The results point out a new theoretical research field in progress but, from the point of discourse view, we found a weak consolidation of the methodology principles.

Key-words: Memory and information; Epistemology; Contemporary culture; Discourse analysis; Subject analysis. National Association for Research and Graduate Studies in Information Science and related areas – ANCIB

Memória e informação: construindo o campo teórico-metodológico de conhecimentos¹

1 Introdução

A criação do décimo grupo de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e áreas afins – ANCIB, que tem por objetivo discutir as relações teórico-metodológicas entre informação e memória, vem nos permitindo observar uma aproximação dos estudos da Memória Social com os da Ciência da Informação. Dizemos aproximação, pois a partir da segunda metade do século XX ambas as disciplinas alcançaram, isoladamente, um desenvolvimento extraordinário. De um lado, a memória passa a ser valorizada e patrimonializada em bens de natureza material/imaterial e, de outro lado, no sentido inverso do que ocorreu com a memória, a informação começa a ocupar os espaços dos objetos. Na passagem para o século XXI, encontramos um cenário em que a produção do conhecimento, sua circulação e preservação são dependentes tanto dos estudos informacionais quanto dos memoriais.

Nossa hipótese para essa união é a de que a preservação do conhecimento para as sociedades do futuro é dependente de uma base teórico-metodológica que opere a mediação da tensão entre o que

¹ O tema dessa discussão foi apresentado no Colóquio Internacional da Rede MUSSI ocorrido em junho na cidade de Toulouse, França e a comunicação foi publicada nos anais do evento sem os gráficos da análise dos resultados. Durante a discussão subsequente à apresentação oral, algumas considerações foram feitas por pesquisadores franceses que consideramos pertinentes serem inseridas neste texto, já que de algum modo reformulam os resultados. Cf. (DODEBEI, Vera; ORRICO, Evelyn, 2011)



lembrar e o que esquecer (memória) e as estratégias da tecno-informação para garantir, respeitando-se as diferenças ou a diversidade cultural, a disseminação da informação e, ao mesmo tempo, a proteção da integridade dos objetos (em sentido amplo) criados pela humanidade.

Utilizamos neste estudo a expressão campo ‘teórico-metodológico’, ao invés de campo epistemológico, epistemologia, gnoseologia ou teoria do conhecimento, seguindo dois conselhos. O primeiro, de Nicola Abbagnamo (2000, p. 183) que defende que as expressões são sinônimas e que, além disso, a partir de Kant, rejeita-se a idéia de que o conhecimento é uma forma ou categoria universal. Assim, a Teoria do Conhecimento perde seu significado na Filosofia, sendo substituída por Metodologia (diríamos metodologias) que é “a análise das condições e dos limites de validade dos procedimentos de investigação e dos instrumentos lingüísticos do saber científico” (ABBAGNAMO, 2000, p. 183). O segundo conselho é de Antônio Garcia Gutiérrez (2011) que sugere que vivemos uma época pós-epistemológica e que devemos valorizar não mais o consenso absoluto do conhecimento, mas a dinâmica das tensões e disputas entre suas formas de produção.

Nosso objetivo é então estudar o que se vem pesquisando na interface dos campos da Memória Social e da Ciência da Informação, supondo que esse espaço teórico-metodológico se apresenta como a dimensão cultural do saber e da cultura digital, em particular. Aproveitamos o expressivo interesse dos autores que submeteram comunicações orais e pôsteres ao GT 10 e nos perguntamos: como os pesquisadores organizam suas redes de referências autorais, conceituais e discursivas?

Nossa base de investigação é o conjunto de 35 trabalhos (23 comunicações orais e 12 pôsteres) aprovados e apresentados no recém criado GT 10 para o XI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e áreas afins, ocorrido em outubro de 2010 no Rio de Janeiro (XI ENANCIB, 2010).

A distribuição dos pesquisadores brasileiros por regiões, assim como as linhas de pesquisas às quais pertencem nas universidades brasileiras nos permitiu construir, ainda que de modo exploratório, uma rede de pesquisadores, uma rede de conceitos e um plano de discursos pertencentes ao campo dos estudos em memória/informação. Essa base de dados certamente subsidiará outras pesquisas sobre a interface memória/informação. As fontes nos indicam também a rede de citações bibliográficas, o que nos permite ampliar em níveis internacionais os discursos primários (dos autores e seus ambientes de trocas informacionais) e secundários (dos autores citados) sobre o tema. É exatamente essa interseção dos discursos sobre memória/informação o que nos permitirá apresentar uma mapa teórico-metodológico desse campo de pesquisa.

Organizamos este relato em três partes principais. A primeira visa apresentar o cenário teórico que desenhamos para construir um território possível que abrigue os campos da informação e da memória; na segunda parte descrevemos os procedimentos teórico-metodológicos que nos permitiram organizar a rede de autores citados nas bibliografias apresentadas em cada comunicação, a rede de conceitos obtida pela indexação de palavras-chave feita pelo autor do trabalho e complementada pela

indexação automática no sistema indexação por nuvens e a rede discursiva; a terceira parte é dedicada à análise qualitativa dos dados a partir dos quadros numéricos construídos.

2 O CAMPO DE PESQUISA, OU AS FRONTEIRAS ENTRE MEMÓRIA E INFORMAÇÃO

Considerando que a transmissão de informação ocorre fortemente via linguagem, devemos nos voltar para uma reflexão sobre o discurso que ela engendra. Sustentando essa afirmação, a argumentação de Ricoeur (2007), que se encontra entre uma sociologia da memória coletiva e uma fenomenologia da memória individual, considera tanto a possibilidade de consciência do eu individual como a capacidade de entidades coletivas de recordar e manter lembranças compartilhadas. Esse autor busca, na região da linguagem, uma instância declarativa da memória, já que “a lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo” (RICOEUR, 2007, p. 138). Desse modo, compreendemos que o discurso insere-se no processo de criação de memórias a partir do trânsito de um conjunto mais amplo de informações, coletivamente determinado.

Consideramos também que não se deve igualar a ideia de ‘memória de muitos’ ou memórias conjuntas à expressão - memória social. Diante da proliferação de termos que significam modos de adjetivar a memória, o mais prudente neste momento é utilizar os adjetivos - individual e coletiva, conforme nos indica Ricoeur ao se perguntar quem seria o sujeito verdadeiro das operações de memória.

Sem a intenção de resolver quem é o sujeito da memória, mas apenas apresentar os discursos sobre ele nos campos da filosofia, da história, da psicologia, da sociologia, Ricoeur afirma que essa questão é polêmica por opor a uma tradição antiga de reflexividade – indivíduo, uma tradição mais recente de objetividade – coletividade. Contudo, afirma o autor, elas não se opõem no mesmo plano, mas em universos de discursos que se tornaram alheios um ao outro. A expressão “memória social” pode então ser empregada para designar o campo de estudos que investiga as propriedades e os fenômenos que ocorrem com indivíduos ou com grupos sociais nas relações que estabelecem entre os fatos, imagens e acontecimentos vistos do presente em direção ao passado, ou em direção ao futuro.

Em terceiro lugar, entendemos que não podemos tomar a memória da humanidade como um objeto homogêneo e cumulativo de lembranças da humanidade, ao contrário, este constructo deve ser apreendido como a ‘trama’, sempre em movimento, formada por várias singularidades: memória de quem, em que lugar, em que época? Se por um lado essas singularidades geram diferenças nos modos de valorizar as lembranças, por outro, elas reforçam determinados valores que criam identidades entre grupos. Surgem desses movimentos memoriais pontos de contato com campo patrimonial. O movimento ou acontecimento é a sucessão de fatos que podem ou não ser valorizados como patrimônio. Existe nessa ação de patrimonialização do acontecimento um forte desejo de memória, pois ao patrimônio cabe o atributo essencial de legado de um valor memorial escolhido para ser doado às gerações futuras. Patrimônio é, então, um valor atribuído aos objetos produzidos pela sociedade e concordamos com Jean Davallon (2006, p. 18) quando ele diz que não há objetos nascidos patrimônio.



Comme je ne croyais que des objets pouvaient être objets de patrimoine par nature (pas plus hier qu'aujourd'hui), je me suis tourné vers la façon dont leur relation à leur univers d'origine était socialement construite. Ou, s'il on veut, dont le statut de l'objet de patrimoine était produit à travers un certain nombre de procédures de patrimonialization qui en faisaient un opérateur symbolique.²

A pesquisa sobre a memória social está associada, desde a emergência deste campo de saber, com o enfrentamento de questões relacionadas aos grupos e identidades. Neste começo de século XXI, qualquer estudo que se proponha a enveredar no campo tumultuado da memória social há de - em algum momento - mencionar a obra de Maurice Halbwachs³. Seja para opor-se a ela ou para reconhecer-se como parte de uma linha investigativa devedora dos estudos inaugurais desenvolvidos pelo sociólogo francês. A obrigatória referência aos estudos desenvolvidos por Halbwachs não significa que haja um consenso sobre a nomenclatura ou interpretações, nem mesmo entre aqueles que se dizem seus herdeiros. Dialogando com a psicologia, sobretudo Freud, e a filosofia, principalmente Bergson, e construindo uma abordagem alicerçada nos pressupostos da sociologia de Durkheim, o pensamento de Maurice Halbwachs constitui um marco na apreensão da memória a partir de um enfoque social. Sua importância situa-se justamente na criação de uma nova ordem de questões relacionadas à memória, que deixava de ser perscrutada unicamente como um atributo individual. Na acepção de Halbwachs, só se pode entender os atos de lembrar e esquecer se percebermos suas associações com o todo social. A memória é coletiva na medida em que seria constituída por imagens e esquemas do passado que estão diretamente associados à coesão dos grupos. Os indivíduos não recordam sozinhos. As lembranças são frutos destes esquemas ou quadros socialmente adquiridos e exercem uma função relevante na dinâmica social (Dantas; Dodebei (a) 2009).

Em relação aos modos como a memória é patrimonializada ou transmitida – entendendo-se esse processo como informacional por natureza - e tomando-se, portanto, as tecnologias da informação e comunicação como enfoque e escopo da discussão pode-se indicar que os povos ágrafos constroem suas memórias coletivas, de uma forma virtual, pela herança de seus antepassados, da mesma forma como fazia toda a humanidade antes que fosse desenvolvida a tecnologia da escrita. Um primeiro divisor de processos de criação de memórias coletivas seria então a escrita. Convivemos com essas duas formas de memória, aquelas de caráter processual próprias da natureza oral da produção de conhecimentos e as memórias auxiliares formadas por registros desses conhecimentos e que podem ser representadas pelo que Pierre Nora denominou de ‘lugares de memória’: arquivos, bibliotecas, museus entre outros.

No mundo digital, essas memórias auxiliares são constituídas por banco de dados, que formariam, assim, as memórias eletrônicas (Sayão, 1996). Os bancos de dados estão sempre prontos,

2 Como eu não acredito que os objetos possam ser objetos de patrimônio por natureza (nem ontem, nem hoje), eu os observo considerando que sua relação com seu universo de origem é socialmente construída. Ou, se quisermos, considerando que o estatuto do objeto de patrimônio é produzido por certo número de processos de patrimonialização que o transforma em um operador simbólico. (Tradução nossa)

3 Sobre esta questão ver: (Gondar, Dodebei, 2005. p.11-27).

quer dizer, estruturados de forma relacional onde cada dado se encontra em um local específico ou endereço próprio, de modo a trazer à superfície – organizar e apresentar uma informação – a partir de um “desejo de memória” construído pelo interessado no tempo presente.

Paradoxalmente, o mundo digital, o ciberespaço ou a internet é constituído de narrativas visuais (aí compreendida a escrita) como tecnologia de ingresso e de acesso aos bancos de dados. E se no mundo oral não há possibilidade de formação de memórias auxiliares fixadas em outros suportes porque não existem tais registros fora do pensamento humano, o mesmo não se pode dizer das sociedades da escrita (alfabética) e da sociedade digital (numérica). O suporte digital implica em uma dinâmica compatível com a fluidez dos objetos produzidos exclusivamente para a internet e, ao mesmo tempo, parece oferecer uma possibilidade de arquivamento imensa se levarmos em conta as limitações de espaço físico do papel. Os estudos sobre a memória social e a construção do patrimônio, na atualidade, têm enfatizado a necessidade de se pensar a partir da encruzilhada de saberes onde se constroem as relações com o passado (Dantas; Dodebei (b) 2009). Assim, a princípio, poderíamos integrar a internet aos lugares de memória de Pierre Nora.

Consideramos que a aproximação entre memória e informação não é uma construção recente, como pode nos orientar a história das ciências, das letras e das artes. No entanto, é somente a partir do século XX que o mundo é visto como um espaço informacional e memorial, em que os aspectos materiais e imateriais dos objetos criados pelas sociedades entram em disputa. Informação e Memória são a face imaterial da economia representada pelo consumo de bens que transitam nas redes sociais ubíquas e, ao mesmo tempo, a face material dos percursos da valorização de bens culturais e da preservação de patrimônios. Sabemos que os dois conceitos são polissêmicos por natureza e o nosso desafio é exatamente o de circunscrever o binômio às possibilidades produtivas do diálogo entre eles.

Evidentemente o espectro desse diálogo é muito amplo, o que nos obriga a criar um recorte ou moldura que reduza o alcance dessa discussão, de vez que tanto a memória como a informação são campos de estudo de natureza interdisciplinar. Nesse sentido, poderíamos observar nos grupos de pesquisa pertencentes aos programas de pós-graduação nas instituições federais de ensino no Brasil, as linhas de pesquisa voltadas para a interface da informação e da memória, os projetos de pesquisa de professores e alunos da pós-graduação vinculados a essas linhas (que não foram objeto deste relato), bem como os trabalhos submetidos ao Grupo de Trabalho n. 10 – Informação e Memória criado em 2009 e implementado em 2010 na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da informação - a ANCIB com o objetivo de iniciar um fórum de discussão exatamente sobre os efeitos dos estudos em desenvolvimento nas interfaces da memória social/informação.

3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS METODOLÓGICOS

O conjunto dos trabalhos apresentados ao GT10 foi a base para a criação de um banco de dados organizado em três planilhas confeccionadas pelo programa Excel. A primeira planilha contém informações sobre os autores e suas vinculações: nome dos autores participantes; e-mail; instituição;

linha de pesquisa; categoria do participante; título do projeto de pesquisa; programa de pós-graduação; cidade; estado; região. Essas informações nos permitiram criar séries estatísticas de dados para mapear a distribuição da pesquisa no território brasileiro. A segunda listou todas as referências bibliográficas citadas em cada um dos trabalhos submetidos e a terceira listou os conceitos utilizados para indexar o texto. O resultado quantitativo desta tarefa foi o seguinte: 35 trabalhos apresentados; 58 autores/co-autores participantes; 459 autores citados nas bibliografias; e, 173 conceitos atribuídos. Com relação aos conceitos atribuídos a cada trabalho foram utilizadas as palavras-chave selecionadas em língua natural pelo autor, acrescidas por palavras simples obtidas por indexação automática dos resumos de cada trabalho realizada pelo programa Wordle⁴

Wordle is a toy for generating “word clouds” from text that you provide. The clouds give greater prominence to words that appear more frequently in the source text. You can tweak your clouds with different fonts, layouts, and color schemes. The images you create with Wordle are yours to use however you like. You can print them out, or save them to the Wordle gallery to share with your friends. (FEINBERG, Jonathan, 2010)

A decisão de utilizar “nuvens”, que são a síntese imagética de conteúdos utilizada em quase todos os programas de construção de blogs e outros sítios na internet, foi a de aumentar o grau de exaustividade da indexação para os autores que indexaram seus textos e de criar palavras-chave para aqueles que não indexaram. Utilizamos o limite de criação de 15 palavras e ainda retiramos aquelas que julgamos não significativas⁵. Apresentamos um exemplo com um dos resumos:

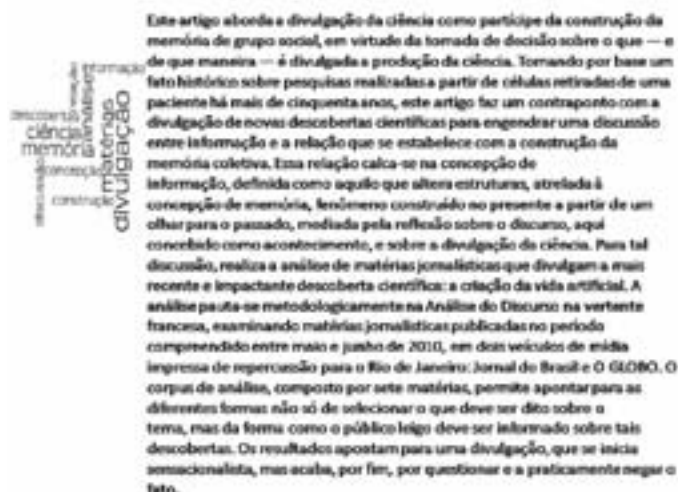


Imagem 1 – Indexação por “nuvens”. Fonte: as autoras

4 Wordle é um brinquedo para a criação de “nuvens de palavras” construídas a partir do texto fornecido. As nuvens privilegiam as palavras com maior frequência de aparecimento no texto. Pode-se escolher o leiaute desejado, fontes, cores, direção de texto. A imagem criada pelo Wordle é sua para você usar onde quiser. Pode-se imprimi-la ou salvá-la na Galeria do Wordle para compartilhar com amigos. (tradução livre) Disponível em <http://www.wordle.net/show/wrdl/2322541>. Acesso em 21 agosto, 2010.

5 A computação em nuvem é a disponibilização de serviços baseados na internet, como editores de textos, fotos online, servidores de armazenamento de dados (remoto), aplicativos não desktop. Esses serviços são baseados e variam segundo três camadas, a de aplicação, plataforma e de infra-estrutura. Além das camadas, a cloud varia segundo três modelos de implantação: existem as nuvens híbridas, públicas e mista.

Apresentaremos no próximo item algumas séries que nos pareceram representativas da pesquisa de natureza quantitativa. Esclarecemos que não foram utilizados métodos bibliométricos e estudos de redes, embora consideremos que estes podem ser aplicados futuramente ao banco de dados.

Com relação à análise qualitativa, ao refletirmos sobre a dispersão de fontes teóricas referenciadas nos diversos trabalhos, empreendemos um olhar sobre os itens conclusivos dos 35 trabalhos enviados ao GT10, no intuito de depreender as ideias centrais que os autores apresentaram em seus artigos. Justifica-se a análise detalhada desse item, pela importância que ele assume no reforço das convicções dos autores e na consolidação de suas propostas analíticas. Em se tratando de uma reflexão sobre a sedimentação de um novo campo epistemológico, depreender a maneira como tais propostas foram construídas pode ajudar a perceber o quanto o campo já está consolidado.

O processo analítico empregado foi a Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, na qual se procurou compreender como a construção discursiva sobre a relação entre os conceitos de informação e memória foi elaborada por esses autores que participaram do GT. Levantou-se, na análise dessa construção, não só a maneira como eles abordaram o enfoque metodológico de seus respectivos trabalhos, mas também a assertividade com que concluíram suas respectivas análises.

Tomamos para essa análise os pressupostos apontados por Orlandi (1996) sobre a presença e a função das paráfrases na construção discursiva. Para essa autora, sendo a linguagem um lugar de debate e de conflito, o *modus operandi* que a autora utiliza para analisá-la é refletir sobre esse fato lingüístico — a paráfrase — no qual se impõe definir, como ela mesma diz, o jogo entre o mesmo e o diferente. Esse jogo decorre de a paráfrase se destinar a enunciar, por intermédio de formas diferentes de linguagem, um sentido previamente construído. Essa compreensão pode dar subsídio ao que observamos sobre a forma de os autores denominarem a parte final de seus textos. Isso significa dizer que, para um mesmo fim — denominar a parte final dos textos — os autores lançam mão de palavras distintas, o que indica modos distintos de operar a linguagem.

4 Análise dos dados

Com base no cenário teórico apresentado no item 1 - O campo de pesquisa, ou as fronteiras entre memória e informação -, a rede de autores acompanhou, no campo da memória social, os supostos autorais discutidos. Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Pierre Nora foram os autores mais citados. Junto a eles três pesquisadores brasileiros: Vera Dodebei, Carlos Xavier de Azevedo Netto e Regina Maria Marteleto parecem compor um núcleo de autores que fortalecem a pesquisa interdisciplinar na fronteira entre informação e memória.

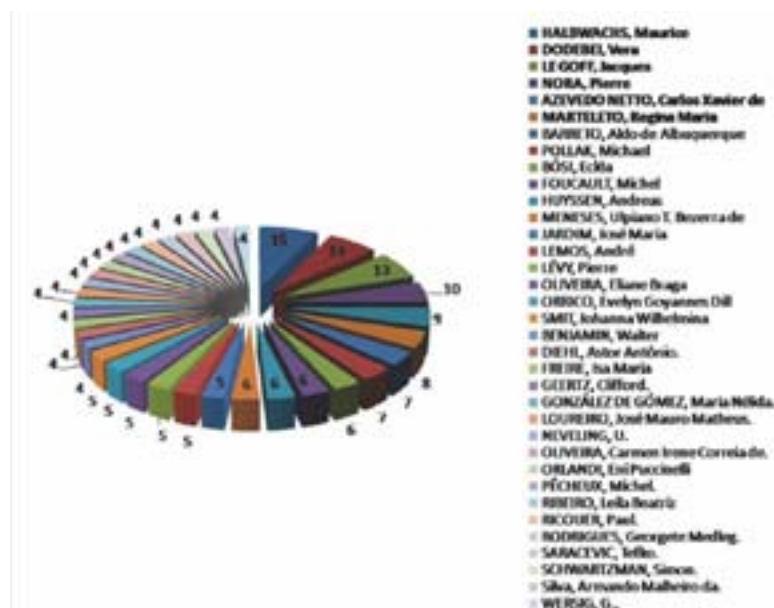


Gráfico 1 – Autores mais citados. Fonte: as autoras

Vale ressaltar que a dispersão já esperada de autores é comprovada como demonstra o gráfico abaixo. Dos 459 autores listados, 348 foram citados apenas uma vez, 52 foram citados duas vezes e 25, três vezes. A dispersão aponta, como supúnhamos, para o caráter inter e transdisciplinar do campo que apresenta um largo espectro de áreas do conhecimento e que cobrem quase todas as especificidades das ciências humanas e sociais.

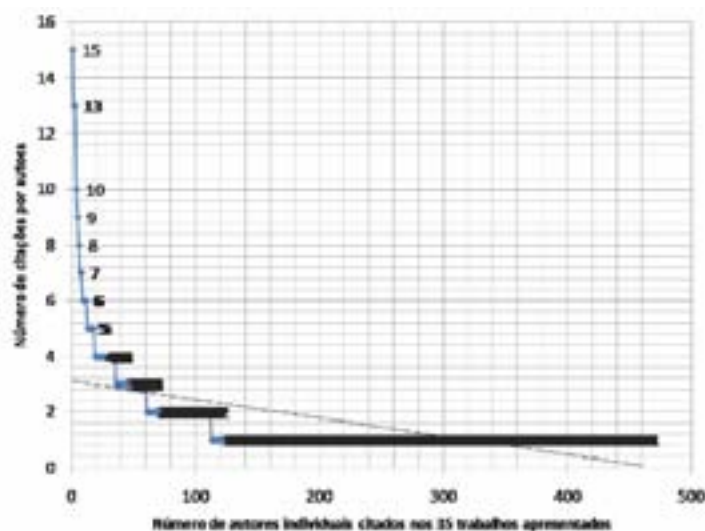


Gráfico 2 – Dispersão de autores citados. Fonte: as autoras

O gráfico a seguir mostra a participação das 17 instituições de ensino superior que apresentam linhas de pesquisa voltadas para o estudo deste novo campo que envolve a informação e a memória. O estado da Paraíba, no nordeste do Brasil e o estado do Rio de Janeiro, no sudeste, são os representantes do desenvolvimento desta nova área de pesquisa.

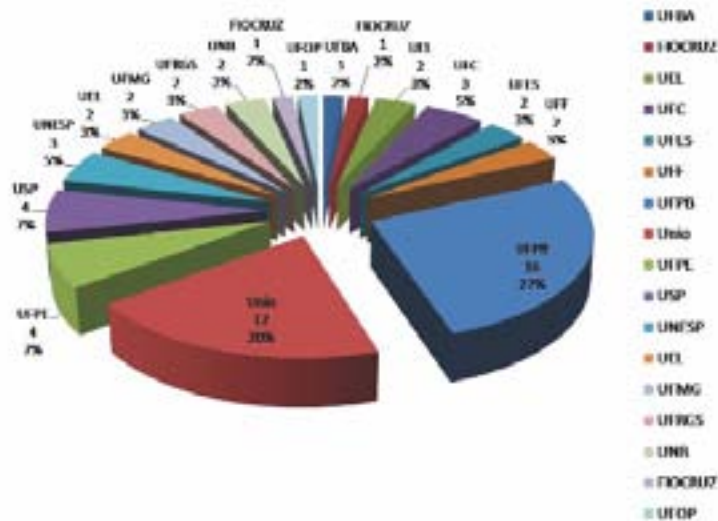


Gráfico 3 – Representação das IES. Fonte: as autoras

Quanto ao mapa conceitual extraído da indexação dos trabalhos apresentados, os resultados apontam para 11 categorias obtidas por análise conceitual e inferências de classes, segundo os pressupostos de Ingetraut Dahlberg em sua Teoria do Conceito, discutidos por Dodebei (2002) na obra “Tesouro: linguagem de representação da memória documentária”.



Quadro 1 – Mapa conceitual: Fonte: as autoras

O conteúdo discursivo dos trabalhos foi analisado privilegiando-se os aspectos metodológicos do arcabouço das pesquisas, tendo em vista que, tradicionalmente, a Ciência da Informação utilizou o método da análise de conteúdo para elaborar suas representações informacionais. Mas, com a aproximação aos estudos da Memória Social que fazem uso das narrativas como registro do passado, começa-se a perceber, pela rede de citações, o aparecimento da metodologia da análise do discurso e da análise de redes como complementares à análise de conteúdo, em especial na montagem de redes conceituais que organizam o conhecimento no ciberespaço.

Assim, tomamos como corpus de análise a parte dos textos que indicasse as conclusões do autor. Observamos, então, o modo como as conclusões são apresentadas no corpo textual. No que tange à titulação desse item, tendo por base a concepção de paráfrase, pode-se perceber algumas construções verbais que, embora formulaicas, apontam para uma expectativa de inconclusividade por parte do autor. Dos 35 trabalhos, 20 intitulam as conclusões como “considerações” que podem ser tanto finais, quanto parciais. Um dos trabalhos intitula a parte final como “reflexões sobre o processo”, mas até mesmo esse, ao iniciar o texto propriamente dito, informa que poderia apresentar “possíveis considerações finais”.

Esse modo de denominar a conclusão aponta para uma formação de discurso acadêmico que prega a inconclusividade como vertente argumentativa. Utilizar termos como “considerações” é inserir o discurso acadêmico em campo ideológico no qual a academia sugere que o pesquisador tenha uma certa humildade, ao admitir que suas ponderações finais estão sujeitas a possíveis e futuras reformulações.

No que tange aos aspectos metodológicos propriamente ditos, podemos perceber que os autores utilizaram as análises: de conteúdo; do discurso; de performance; documentária; de narrativas; e de redes sociais, além da semiologia. Como se pode perceber, além da dispersão de referências e de temas estudados, há também certa dispersão em relação aos enfoques metodológicos utilizados, e que não foram fortemente ressaltados no item final dos trabalhos.

No item conclusivo, só aqueles que utilizaram a Semiologia e as Análises de Conteúdo (AC) e de Discurso (AD) manifestaram isso textualmente, o que nos leva a discutir mais detidamente as duas últimas, objetivando identificar o que as aproxima ou distancia. Podemos salientar que uma diferença fundamental entre essas duas análises repousa em seus pressupostos: enquanto a AC realiza uma interpretação do discurso, buscando um significado latente, escondido e que precisa ser revelado, a AD atém-se ao modo como o sentido é produzido, tendo em mente que a análise é sempre circunstancial e jamais definitiva, já que é fruto de seu tempo histórico.

Segundo Orlandi (1999, p. 17), enquanto a AC “procurar extrair sentidos dos textos”, na medida em que procura desvelar o que o texto quer dizer, a AD procura depreender “como o texto significa”. Iniciada nos Estados Unidos no início do século XX, a AC sofre a influência da medida, como fruto do rigor científico, e seu objeto de análise são os textos jornalísticos. Em contrapartida, segundo Orlandi (1999), a AD surge na França, em meados do século, mais precisamente nas década



de 60, pela compreensão de que há muitas maneiras de significar e por isso os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem.

A definição que Berelson (apud BARDIN, 1991) fez da AC tornou-se célebre: “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. O modelo berelsoniano foi durante muito tempo o fiel organizador da AC, trabalhando com amostras reunidas de maneira sistemática, a questionar a validade do procedimento e dos resultados, a verificar a fidelidade dos codificadores e a medir a produtividade da análise. Até o meado da década de 50 são consideradas ciências conexas da AC a lingüística, a semântica, a semiologia, a documentação, a informática.

A partir dessa época, novas perspectivas teórico-metodológicas vão eclodindo e novos campos do conhecimento vêm contribuir com a AC, como a etnologia, história, psiquiatria, psicanálise, lingüística, sociologia, psicologia, ciência política, jornalismo. Todo esse arsenal, entretanto, está a serviço da busca pelo conteúdo dos itens léxicos presentes nos textos analisados, no intuito de obter indicadores válidos sem levar em conta as circunstâncias em que tal texto é produzido.

Ainda com base em Orlandi (1999), a AD, por sua vez, surgiu para conhecer como os discursos funcionam, o que significa dizer colocar-se no entremeio de um duplo jogo de memória: a institucional, que cristaliza e estabiliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento, que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro. Para isso, pauta-se em três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. O objeto de análise da AD é o discurso, entendido, não somente como mensagem e transmissão de informação, mas algo que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela história. Discurso define-se, então, como efeito de sentidos entre locutores.

Considerando essas observações, podemos pensar que a AC, pautada na compreensão de representação como substituição (estar no lugar de), aproxima-se da Análise documentária; no entanto, para as análises em que é importante compreender as noções de autoria — e os sujeitos autores — assim como as condições em que produzem seus enunciados, a AD seria um arcabouço teórico-metodológico mais adequado.

5 Conclusões

Considerando que esta foi uma primeira tentativa de consolidar informações até então dispersas sobre a pesquisa das relações entre Memória e Informação no Brasil, apresentamos os primeiros resultados obtidos do levantamento sobre a distribuição institucional dos autores, dos conceitos utilizados e das referências teórico-metodológicas apresentadas, e ainda de uma breve análise discursiva dos itens conclusivos da base textual dos trabalhos apresentados no GT10 – Informação e Memória da ANCIB em 2010.

Uma importante contribuição deste artigo é não só a constatação da dispersão seja de autores referenciais, seja dos conceitos analisados, mas sobretudo o levantamento de tais referenciais e conceitos. Embora a dispersão já fosse esperada, dada a interdisciplinaridade do campo e dos autores que nele



militam, pela primeira vez temos listadas as referências teórico-metodológicas utilizadas nas pesquisas.

Quanto aos autores referenciais, cabe ressaltar que os autores brasileiros apresentam forte tendência a calcar preferencialmente suas bases teóricas em autores clássicos da História, como Jacques LeGoff e Pierre Nora e da Sociologia, como Maurice Halbwachs. No entanto, a partir dos comentários ocorridos durante a discussão em Toulouse, França quando da apresentação da comunicação feita no colóquio da Rede MUSSI em junho de 2011, percebemos que, por exemplo, Jean Davallon, pesquisador francês com formação em Comunicação, é referência obrigatória nos estudos franceses sobre memória e patrimônio na atualidade, sobretudo na interface com os estudos informacionais.

Assim como os autores franceses da Ciência da Informação e Comunicação começam a aparecer nas citações de pesquisadores brasileiros, sobretudo após a efetiva cooperação internacional Brasil-França⁶ para esta área, outros autores deverão ser incorporados ao quadro de citações de nosso banco de dados, o que nos permitirá atualizar as redes aqui apresentadas.

No que tange aos aspectos metodológicos, esse levantamento permitiu apontar a necessidade de este campo estudar mais detalhadamente as relações entre as análises documentária, e as de conteúdo, do discurso, de performance, de narrativas (narrativa de vida) e de redes sociais, assim como estudos sobre Semiologia, já que muitos autores se utilizam desses pressupostos. Depreendemos que o modo de construção discursiva das conclusões dos artigos não privilegiou especificamente uma metodologia própria para a área, mas apontou que as Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso são dois caminhos fortes de aporte teórico-metodológico.

Por fim, entendemos que a construção dessa base de dados é uma contribuição importante que pode servir para alimentar outras análises tanto quantitativas quanto qualitativas, e que deve ser ampliada com os resultados dos próximos GT's. Como uma das possibilidades de análise futura pensamos em criar um mapa das relações entre citações e o contexto histórico dos discursos produzidos pelas distintas áreas de conhecimento que dialogam nesse novo campo, ao mesmo tempo que colaboram com a sua construção.

Referências

ABBAGNAMO, Nicola. Teoria do conhecimento. In: ABBAGNAMO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins fontes. 2000. p. 183.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Edições 70, 1991.

DANTAS, Camila Guimarães; DODEBEI, Vera (a). Memórias anônimas: buscando trilhas conceituais para investigar algumas interfaces do passado na web. In: VI Congreso de la CiberSociedad 2009: crisis analógica, futuro digital 12 a 22 de Novembro de 2009, 2009, ciberespaço. VI Congreso de la

6 Cf. Projeto Saint-Hilaire, 060/2011 CAPES/MAEE; Reseau MUSSI.



CiberSociedad 2009: crisis analógica, futuro digital 12 a 22 de Novembro de 2009. Madrid (sede física): Observatorio para la cibernsiedad, 2009. v. 1. p. 1-15.

DANTAS, Camila Guimarães; DODEBEI, Vera (b). Passado e presente nos registros digitais. In: QUEIROZ, A. C. ; OLIVEIRA, A. J. B (orgs.). Universidade e lugares de memória II. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Forum de Ciência e Cultura/Sistema de Bibliotecas e Informação. 2009.

DAVALLON, Jean. Le don du patrimoine: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006.

DODEBEI, V. L. D. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DODEBEI, Vera; ORRICO, Evelyn G. D. Information et mémoire: une cartographie de la recherche brésilienne. In: Actes du Colloque International Médiations et hybridations: construction sociale des savoirs et de l'information. Toulouse : Université Paul Sabatier, 15, 16, 17, junho, 2011.

GARCIA GUTIÉRREZ. Epistemología de la documentacion. Barcelona: Stonberg, 2011.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social? Rio de Janeiro; Contracapa/PPGMS, 2005.

ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento. 4a Ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORRICO, Evelyn Goyannes Dill ; RIBEIRO, Leila Beatriz; DODEBEI, Vera. Doze homens e uma sentença: a informação e o discurso no jogo da memória. Morpheus (UNIRIO. Online) v.7, p.1-14, 2009.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SAYÃO, Luis Fernando. Bases de dados: a metáfora da memória científica. Ci. Inf., Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Disponível em: <http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib>. Acesso em 13 de novembro, 2010.